

# TEÓCRITO E VIRGÍLIO: UM DIÁLOGO BUCÓLICO

Glória Braga Onelley\*

## RESUMO

*Propõe-se o presente trabalho fazer um exame intertextual entre passagens de alguns Idílios de Teócrito e a Segunda Bucólica de Virgílio. Antes, porém, de serem analisados os elementos líricos e bucólicos e as semelhanças de expressão e de imagens entre os dois maiores expoentes do gênero bucólico, serão apresentadas, para melhor compreensão da poesia bucólica latina, algumas particularidades de composição dos poetas alexandrinos, em especial de Teócrito, que grande influência exerceu na formação literária de Virgílio, muito embora tenha a poesia pastoril recebido a marca, o timbre e o colorido do estilo pessoal do mantuano.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Intertextualidade. Poesia bucólica. Teócrito. Virgílio.*

Segundo a tradição, Virgílio compôs, entre 41 e 37 a.C., dez poemas de cunho pastoril, agrupados, após a sua morte, em uma coletânea conhecida sob o título de **Bucólicas** (*Boukoliká*), termo de origem grega que significa “cantos de boiadeiros”. Em sentido restrito, a poesia bucólica compreendia a forma de composição em que o protagonista era o *boukólos*, boiadeiro ou vaqueiro. No entanto, é em sentido lato que se deve entender a palavra bucólica,

\* Professora da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: gloriaonelley@terra.com.br.

ou seja, o gênero literário primitivamente composto em hexâmetros dactílicos, no qual figuravam como protagonistas os guardadores de gado – fossem eles boiadeiros, cabreiros, vaqueiros, pastores de ovelhas – ou camponeses, devendo mover-se num cenário campestre.

Em meados do século XX, Paul Maury (Cf. MARTIN; GALLARD, [s.d.], p. 102.) apresentou uma proposta de organização de nove *Bucólicas*, segundo a qual elas estariam dispostas duas a duas e assentadas no seguinte plano: *Bucólicas* I e IX (poemas de cunho político e social), II e VIII (poemas consagrados à temática do amor infeliz), III e VII (composições que apresentam por tema um concurso poético) IV e VI (poemas de inspiração nobre cujos temas não pertencem ao universo pastoril). Este agrupamento representa, segundo Paul Maury, um itinerário espiritual cujo ápice seria a *Quinta Bucólica*, que encerra a glorificação da vida pastoril com a apoteose de Dáfnis, incluído na categoria de semideus dos poetas e dos pastores. Em outras palavras, a *Quinta Bucólica* constitui o centro da coletânea, pelo fato de o personagem Dáfnis ser considerado, segundo a tradição, o criador do gênero bucólico. Quanto à *Décima*, que teria sido acrescentada em momento posterior à data da primeira publicação, relata os amores sofridos de Cornélio Galo, a sua renúncia à luta contra o amor e representa o adeus do poeta à poesia bucólica.

Embora este sistema de organização das **Bucólicas**, proposto por Paul Maury, tenha tido boa acolhida por parte de alguns estudiosos e tenha sido rejeitado por outros, tal questão permanece, ainda hoje, sem solução.

Deixando de lado esses problemas de caráter técnico, o presente trabalho tem como objetivo a análise da *Segunda Bucólica* – provavelmente a primeira a ser composta – que relata a paixão desenfreada do pastor Coridão pelo jovem Alexis, escravo de um outro senhor.

Antes, porém, de serem levantados e analisados os elementos essencialmente líricos e bucólicos, as coincidências de expressão e de imagens entre Teócrito e Virgílio e, em geral, de processos técnicos do gênero pastoral, julgou-se conveniente, para melhor compreensão da poesia bucólica latina, tecer algumas considerações acerca das particularidades de composição dos poetas alexandrinos e, em particular, do siracusano Teócrito, poeta que se tornou, no mundo helênico do século III a.C., o principal cultor do gênero bucólico, muito embora se saiba que a poesia pastoral não constitui a nota dominante de sua obra, mas aquela que lhe deu maioridade literária.

Com efeito, são atribuídos a Teócrito trinta poemas, denominados **Idílios** (*eidyllia*, neutro plural do substantivo *eidyllion*, derivado do radical de *eídos* “aparência”, “tipo”, “gênero”, “estilo”, acrescido do sufixo formador de diminutivos *-yllion*). Esses idílios apresentam temas vários, mas foram justamente os de temática bucólica que conferiram notoriedade ao poeta e por meio dos quais se tornou mais conhecido.

Essa modalidade de poesia encontrou grande receptividade entre os habitantes da cidade de Alexandria, mormente entre o público letrado, ouvinte de Teócrito, que deveria sentir, no seio da megalópole do Mediterrâneo Oriental, grande necessidade de se voltar para a vida simples e tranqüila dos campos. Depois de Teócrito, o gênero bucólico foi cultivado pelos poetas Mosco e Bión e obteve grande prestígio na literatura ocidental, como comprovam as **Bucólicas** de Virgílio.

No que concerne ao texto da *Segunda Bucólica*, utilizou-se a tradução de João Pedro Mendes (Cf. MENDES, 1985), cuja obra se encontra citada na bibliografia. Com relação aos textos gregos, foram eles traduzidos pela autora do presente trabalho.

## FUNDAMENTOS ESTÉTICO-FILOSÓFICOS DO GÊNERO BUCÓLICO EM ALEXANDRIA E EM ROMA

Uma efetiva abordagem da poesia alexandrina requer judiciosa inserção no universo da sociedade do período helenístico. As estruturas de poder, então vigentes, engendraram uma política cultural que apresentou, como um de seus produtos mais bem acabados, uma poesia sem par até aqueles dias. Para que se compreenda o espírito dessa nova poesia, faz-se necessária a evocação de alguns fatos históricos que, de certa forma, são indicadores de uma nova era.

Com a implementação do empreendimento ecumênico de Alexandre – a globalização da cultura grega –, foram subvertidas idiosincrasias muito peculiares dessa mesma cultura. As duas particularidades que mais tipificaram este período foram o fim da *pólis*, como modelo de Estado, e a instituição de monarquias absolutistas, que se estabeleceram em territórios mais amplos do que a cidade-estado, constituindo pequenos reinos.

Após a morte de Alexandre, quatro generais deste grande conquistador partilharam entre si o espólio de um vasto império: Cassandro ficou com a Macedônia, Lisímaco com a Trácia, Seleuco com a Síria – e parte do império

persa – e Ptolomeu com o Egito. Destes, apenas Seleuco e Ptolomeu Lagos conseguiram estabelecer reinos mais ou menos estáveis. Foi na corte fundada por este último, em Alexandria, que floresceu a encantadora poesia de Teócrito.

Os três primeiros Ptolomeus foram os grandes arquitetos daquela sociedade onde medrou a poesia do inspirado siracusano. É importante, pois, a análise de algumas características das diversas instituições de então, para que se possa verificar como a poesia alexandrina estampa em si as marcas da nova sociedade.

Em contraposição com Atenas, os habitantes de Alexandria não eram cidadãos na verdadeira acepção do termo. Na verdade, a população autóctone era apenas espectadora dos desenlaces políticos. A grande maioria mourejava diante de insuportáveis labutas. O governo era fortemente centralizado, mantendo o rei o monopólio de todas as atividades produtivas. Aos camponeses cabia apenas uma parte insuficiente daquilo que eles próprios produziam, talvez o necessário para que não morressem e continuassem a produzir. Tal estrutura alicerçava-se em uma organizada burocracia e, principalmente, em um exército bem treinado. Destarte, os Lágidas acumularam grande fortuna, transformando Alexandria numa cidade esplendorosa.

Como já havia ocorrido com Alexandre, os reis sentiam imensa gratificação ao receberem deferência dos súditos. Com efeito, esse tipo de submissão vil era conseqüente do prolongado contato com práticas absolutistas orientais.

Havendo um sistema fortemente centralizado, onde a enorme riqueza produzida pela grande maioria era canalizada para o usufruto da sofisticada corte dos Ptolomeus, verifica-se uma disputada concorrência para a ascensão a este privilegiado grupo. O método mais eficiente consistia em fazer blandícias no ego dos vaidosos soberanos. Calímaco, o maior poeta alexandrino, bajulava a rainha Arsínoe, esposa de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.), tratando-a como uma deusa. É de sua lavra o adulator poema *Ektchéosis Arsínôes*, “A divinização de Arsínoe”. Teócrito, em seu *Idílio XVII*, faz o mesmo. Este panegírico é conhecido como *Encômio a Ptolomeu*. Posicionamento análogo assume o poeta mantuano em suas **Bucólicas**, como assevera Bickel (1987, p. 605-606):

Con la égloga I toca Virgílio igualmente al comienzo de sus **Bucólicas** otro tema de Teócrito, el himno al soberano. Pasando por la alabanza alegórica de sus protectores poéticos, la alegoría del romano se propone como meta la veneración cultural de Octavio. Desde la consagración de César como *Divus Iulius* en el año 42, mediante decreto del Senado e del pueblo para el mundo romano, dada su conexión con Oriente e Egipto, esta veneración era pensamiento natural. Para Virgílio era además una necesidad personal, dadas las circunstancias de su vida.

Essa arte adulatória recebeu a designação atenuante e eufemística de literatura cortesã. Nesse contexto, não era suficiente ascender. Para continuar recebendo uma vultosa pensão, sacerdotes, artistas, juristas, poetas, cientistas e demais produtores de cultura deveriam plasmar uma produção cultural que satisfizesse o patrocinador. Como corolário deste estado de coisas, surge não apenas a prática da glorificação, mas também a da mistificação dos poderosos.

Apesar dos grilhões que a política de entraves, implementada pelos Ptolomeus, impunha ao livre pensar, o ambiente cultural não era totalmente árido. Impedidos de exercer seus procedimentos na especulação filosófica, os sábios alexandrinos passaram a despender a sua força de trabalho nas disciplinas técnico-científicas, fazendo imensurável progresso em áreas como a matemática, astronomia, medicina etc. O domínio da técnica em detrimento da especulação tornou-se extensivo à literatura. Foram elaborados vários dicionários e gramáticas, bem como houve a preocupação pelo estabelecimento crítico de textos clássicos. A criatividade dava lugar à erudição. A profundidade do conteúdo, ao virtuosismo da forma. Muitas vezes, os textos são mais do que ornados. São trabalhados ao extremo, chegando às raias de um obscurecimento barroco. Todavia, deve ser observado que Teócrito, com raras exceções, não incorpora a prática de burilar os versos, pois não tem a preocupação em mostrar sageza.<sup>1</sup>

Na poesia bucólica, o virtuosismo assume novas roupagens. O cientificismo da cultura alexandrina criou a necessidade de analisar-se a realidade exterior com precisão. Daí ter a literatura bucólica assumido o caráter de inventário. Há uma listagem e uma enumeração detalhada dos mais diversos itens atinentes ao universo pastoril, uma verdadeira pesquisa de minudências.

<sup>1</sup> Como afirma o autor do verbete *Theocritus*, no *Oxford Classical Dictionary*, “displays of erudition are normally avoided by him”.

Há, na *Segunda Bucólica*, uma descrição pormenorizada dos mais comezinhos labores pastoris, como, *n. g.*, a descrição dos “segadores extenuados” pelo sol (v. 10); a provisão de leite fresco no verão e no inverno (v. 20-21); a caça aos cervos (v. 30); o apascentar dos cabritos (v. 31-32); o entrelaçar o junco flexível na confecção de cestos (v. 71) etc.

Todavia, o inquérito catalogal aparece de forma mais ostensiva, ainda na *Segunda Bucólica*, quando se analisa a flora. Há faias espessas, espinheirais, alhos, serpão, ervas odorantes, brancas alfenas, negros e delicados jacintos, o verde malvaíscio, lírios, pálidas violetas, altas papoulas, o narciso, a flor do endro, a canela (lat. *casia*), a murtinha (*uaccinia*), pomos brancos, as castanhas, as ameixas cor-de-cera, loureiros, a murta, o codesso florido, o frondoso olmeiro, a vide e o junco flexível. Essa mesma concepção virtuosística de inventário também pode ser vista na menção à fauna, tanto doméstica quanto selvagem. São alistados lagartos de cor, as roucas cigarras, o gado, as mil cordeiras, os cervos, o rebanho de cabritos, as ovelhas, os cabritinhos, os javalis, a leoa de olhar ameaçador, o lobo, a cabra brincalhona, os novilhos levando os arados.

Embora Virgílio também seja cultor dos malabarismos no tocante ao plano de expressão, não chega ao preciosismo técnico dos poetas alexandrinos. A poesia de Teócrito é ainda mais despojada dessas acrobacias morfológicas e fonéticas com as palavras. Na verdade, uma poesia que deveria incorporar a visão cósmica dos pastores rudes não poderia ser processada em uma afetada língua erudita. O virtuosismo presente é, pois, o do inventário.

Um dos itens que mais se destaca, no ideário estético da poesia alexandrina, é a sua animadversão à poesia do passado. O drama e a epopéia são rejeitados pelo mais destacado teorizador da poética helenística: o grande Calímaco. Nesse novo contexto, não julgava ele cabível louvar os grandes feitos de antigos heróis, mas propugnava a atualização dos temas a serem abordados. Como consequência do rompimento com o passado também se desprestigia a figura do herói. Este ser de capital importância na epopéia e no drama não mais se coloca como paradigma ou homem ideal numa sociedade onde não mais existe a *pólis*, onde os poetas eram cidadãos e patriotas. Os sábios da corte não tinham Alexandria como pátria. Eram estrangeiros, trasladados da terra natal para servirem ao rei por dinheiro. Não havia lugar para engajamento de qualquer espécie. A única lealdade deles era para com o

rei. Em vista disso, há um marcado individualismo, já que o senso de comunidade, presente na *pólis*, não mais existe.

Algo semelhante ocorre em Roma. Para a metrópole afluem intelectuais e escritores das mais diversas localidades. Raros são os nascidos em Roma. Plauto, Accio e Propércio são umbros; Lívio Andrônico, da Magna Grécia; Ênio nascera em Rúdias, na Calábria; Virgílio era mantuano; Nérvio e Lucílio eram da Campânia; Horácio, do sul da Itália; Ovídio era peluquiano; Terêncio, africano. Catulo era de Verona; Lucrécio, provavelmente de Campânia; Lucano, Marcial e Sêneca eram espanhóis, e Pérsio, etrusco (BICKEL, 1987, p. 71-72). O conceito de cidadania para esses intelectuais não se prendia mais a um exclusivismo bairrista. Eram cidadãos do mundo e não mais da *pólis*. O herói chauvinista da epopéia e do drama gregos não cabia mais nessa sociedade.

Como conseqüência, surge um tipo de “anti-herói”, máxime na poesia bucólica. Aqui, as personagens não possuem uma plástica impecável e vigorosa, nem o talhe físico de natureza apolínea do herói do *épos*. Também não possuem a obstinação, a sublimidade, a elevação e a atitude pedagógica do herói do drama clássico. Na verdade, os personagens da poesia bucólica quase nunca levam a bom termo suas aspirações. Há paixões não correspondidas e corações despedaçados pela indiferença e desdém do ser amado. Além disso, em vez da diva envergadura dos heróis, os pastores dos **Idílios** e das **Bucólicas** são desairosos e desajeitados, para não dizer que são feios. Polifemo (*Idílios* VI e XI) e Coridão (*Segunda Bucólica*) têm consciência de sua própria fealdade. Estas personagens destoam também dos elevadíssimos heróis, no tocante ao seu caráter. Enquanto os heróis são ardilosos, triunfantes, ousados e empreendedores, os personagens da poesia bucólica são quase sempre simplórios, picarescos e ridículos: novamente Polifemo e Coridão apresentam-se como exemplos significativos. Todavia, isto não significa estarem presentes aqui elementos da comédia. De fato, o que se deseja destacar é a ternura, a singeleza e a candura desses personagens campesinos.

Também houve rompimento com o drama e a epopéia, com respeito à extensão destes grandiloqüentes poemas. Cultuam-se as formas curtas. São poesias para ser lidas num momento e não em horas ou dias. Sendo mais motivadas estilística, sintática, morfológica e foneticamente, além de inventariarem detalhadamente um grande rol de procedimentos e de seres do universo rural, em especial da fauna e da flora, estas composições careciam de

uma leitura lenta e demorada, para que o leitor pudesse apreender as virtualidades do texto. Este primor técnico seria extremamente fatigante, tanto na elaboração como na leitura, em um texto muito longo, como o das epopéias. Acresce, ainda, que poemas muito extensos tendem a privilegiar a função referencial, enquanto os textos mais curtos, como os **Idílios** e as **Bucólicas**, dão ênfase bem maior às funções poética e metalingüística.

Algumas palavras devem ser ditas sobre a maneira como os alexandrinos encaravam a questão da criação poética. Não se consideravam porta-vozes das Musas. Para eles, a composição de poemas era fruto de acurada laboração técnica e não de inspiração. Nesta poesia, os arrebatamentos eram calculados e medidos artificialmente. Tal literatura não é verdadeiramente lírica em sua essência. Até mesmo o erotismo é artificial, e as manifestações de amor satisfazem muito mais às injunções de estilo, características de um gênero literário já cristalizado. Entretanto, neste particular, Virgílio destoa do paradigma alexandrino, visto que as suas paixões não são simuladas, mas contêm, ao que tudo indica, elementos autobiográficos. No caso da *Segunda Bucólica*, o mantuano, ao que parece, realmente teria sentido abrasadora paixão pelo jovem Alexis. Informa Pierre Grimal (1978, p. 149) que Virgílio não sentia muita atração pelas mulheres e, ainda, que a *Segunda Bucólica* parece ter-lhe sido inspirada por um jovem escravo que o poeta notara na casa de Asínio Polião, impulsor das artes e das letras.

Deve-se ressaltar, ainda, que a natureza dos **Idílios** e das **Bucólicas** é uma natureza ideal. O mar é sereno, o malvaíscio é verde, o leite é fresco e níveo, o narciso e a flor do endro são aromáticos, os jacintos, delicados, os pomos têm uma lanugem macia, o loureiro e a murta, aromas suaves, as fontes são límpidas, os bosques, agradáveis etc. Nesse contexto de natureza idealizada deve ser destacada a iterativa recorrência à presença das sombras. Aliás, desde a época alexandrina, os bosques umbrosos eram considerados o espaço ideal para a concretização do ato amoroso. E é com apurada mestria que Virgílio recorre à figura da peroração quando, nos versos 66 e seguintes da *Segunda Bucólica*, mostra que, antes de haver o enfraquecimento da paixão, ocorre a descoberta da tranqüilidade do dia que termina. Assim, o tema das sombras que se alongam com o pôr do sol é contrário ao estado anímico de Coridão, ainda tocado pela abrasante paixão por Alexis.



Outros dados peculiares à poesia helenística e extensivos à arte de Virgílio são os nomes de ninfas, as menções geográficas e mitológicas, enumeradas, respectivamente, nos versos 46, 24 e 26 da *Segunda Bucólica*.

Assim, com base na exposição de algumas particularidades estético-filosóficas do alexandrinismo, observa-se que o poema bucólico de Virgílio se assemelha, em muitos aspectos, à poesia alexandrina.

### A SEGUNDA BUCÓLICA E OS IDÍLIOS DE TEÓCRITO

Do ponto de vista formal, a *Segunda Bucólica* apresenta uma narrativa menor inserida em outra maior. Na primeira (v. 1-5), o poeta, em terceira pessoa, apresenta duas personagens em torno das quais se desenvolverá o tema principal do poema: a paixão não correspondida do pastor Coridão pelo *formosus* Alexis. Neste breve preâmbulo são expostos os elementos essenciais que caracterizam o gênero bucólico, quais sejam, a presença do personagem-pastor e do cenário rústico, formado por faias, cumes, montes e bosques. Aliás, o caráter bucólico é evidenciado pelo emprego, em todo o poema, de termos campestres. Outro dado suplementar, o tema do homossexualismo, é acrescentado de modo bem natural, como uma manifesta reminiscência literária do poeta alexandrino Teócrito. A esse respeito, são bastante ilustrativas as passagens abaixo:

Eles amaram-se mutuamente, na mesma proporção  
(*Idílio XII*, v. 15)

Um homem apaixonado amava loucamente um efebo,  
nobre quanto à aparência, mas não mais semelhante quanto ao caráter;  
ele [o efebo] odiava o amante e não era doce,  
e não conhecia Eros...  
(*Idílio XXIII*, v. 1-4)

“O vinho” – meu querido rapaz, diz-se – “também a verdade”  
é preciso que nós estejamos embriagados com relação à verdade  
Quanto a mim, direi as coisas que estavam no fundo de meus  
pensamentos;  
não desejais amar-me de todo coração.  
Eu percebo [isto].  
(*Idílio XXIX*, v. 1-5)

Embora Virgílio tenha tomado Teócrito como paradigma para seus poemas bucólicos, o amor pelos jovens remonta a épocas bem mais antigas. Na lírica grega arcaica, o poeta Anacreonte de Téos (575-490 a.C.) expressa sua insistente obsessão pelo jovem Cleóbulo, nos seguintes termos:

Quanto a mim, eu desejo Cleóbulo,  
por Cleóbulo estou enlouquecido,  
em Cleóbulo tenho os olhos pregados.  
(Fragmento 14 – Page. In: PEREIRA, 1980)

[...] ó criança de olhar virginal,  
eu te procuro, mas tu não [me] escutas,  
embora não saibas que és  
o condutor de minha alma.  
(Fragmento 15 – Page. In: PEREIRA, 1980)

A mesma temática do abandono pode ser encontrada no poeta elegíaco do período arcaico, Teógnis de Mégara (século VI a.C.), no que concerne à indiferença de Cirno: “[...] mas eu não obtenho de ti a menor atenção, / ao contrário, enganas-me, como uma criança pequena, com palavras” (*Theognidea*, v. 253-254. In: IAMBIS ET ELEGY, 1989).

Observa-se, pois, que os versos dos poetas arcaicos encontram-se em consonância com os versos 19-20 de Virgílio, que expressam o descaso de Alexis para com o apaixonado pastor: “[...] De ti sou / desprezado, nem queres saber, Aléxis, quem eu seja” (In: IAMBIS ET ELEGY, 1989).

Convém salientar que Virgílio apresenta um comportamento poético semelhante ao de Teócrito, já que o ambiente evocado por ambos para viabilizar os apaixonados e tristes monólogos de Coridão e Polifemo é a própria natureza. Enquanto Coridão diz *haec incondita* para os montes e bosques, Polifemo, por sua vez, também perturbado pela intensa paixão que lhe fere o coração, lança palavras ao mar. Ambos os personagens, cantando sozinhos no seio da natureza, têm consciência de que ela é cúmplice de suas lamentações. Com efeito, o texto do poeta siracusano funciona como um arquétipo no tocante ao texto de Virgílio: “Somente vinha com assiduidade para o meio das faias espessas, de umbrosos cumes; ali, solitário, lançava aos montes e aos bosques estas coisas desordenadas, com vão empenho” (*Segunda Bucólica*, v. 2-5); “Mas ele encontrou o remédio e sentado nas altas rochas, olhando para o mar, cantava tais coisas.” (*Idílio XI*, v.17-18).

Para ratificar a semelhança funcional entre os textos de Virgílio e de Teócrito, na introdução dos monólogos, note-se o emprego dos pronomes neutros *toiaúta* (v. 18) e *haec* (v. 5), este último modificado pelo adjetivo *incondita*, que bem reflete o estado de espírito do pastor Coridão, tomado de desejo pelo escravo Alexis.

Na segunda narrativa, o poeta Virgílio cede a palavra a Coridão, personagem central da *Bucólica*, segundo alguns, *alter ego* de Virgílio. Analogamente ao que ocorre no *Idílio XI* de Teócrito – no qual o Ciclope, atingido pelas flechas do amor da deusa Cípris, extravasa sua terna paixão por Galatéia em um ardente monólogo –, a ação do pastor Coridão reduz-se a um triste solilóquio, uma vez que seu apelo sentimental não encontra ecos no amor de Alexis.

Em ambos os monólogos, os amantes são tratados com desdém e reclamam da indiferença dos entes amados, nestes termos:

Ó alva Galatéia, por que repeles aquele que te ama,  
 mais alva de se ver que um queijo cremoso, mais macia que um carneiro,  
 mais teimosa que uma novilha e mais lustrosa que uma acre uva verde?  
 E vais, indo-te rapidamente, quando o doce sono me toma,  
 e foges como uma ovelha que vê um lobo cinzento?  
 (*Idílio XI*, v. 19-24)

Ó cruel Alexis, não te importas com meus cantos?  
 Não tens compaixão de nós? Acabarás me constringendo  
 a morrer.  
 (*Segunda Bucólica*, v. 6-7)

Tomando como referência a expressão do amor não correspondido, verifica-se quão acentuadas são as semelhanças entre os personagens do *Idílio XI* e da *Segunda Bucólica*: Polifemo – antes de ser uma figura mitológica – e Coridão são pastores, dedicados às atividades do campo que, no momento, são negligenciados, tendo em vista que ambos se encontram tomados por uma incontida paixão. Acresce, ainda, que os entes amados, Galatéia e Alexis, são personagens mudos que sequer reconhecem o sofrimento dos apaixonados pastores.

Por outro lado, a descrição do estado emocional de Coridão, ou melhor, o ardor de sua paixão pelo jovem escravo, encontra um paralelo com a própria natureza: assim como o pastor sofre, sentindo-se envolvido e abrasado pelo

amor de Alexis, assim também os rebanhos buscam as sombras e os lugares mais frescos para se protegerem do calor ardente do sol (v. 8).

Na tentativa de obter o amor do jovem escravo, Coridão enumera seus bens materiais, fala de sua habilidade no canto e de sua aparência não desprezível (v. 19-27). Coridão ressalta, ainda, que, se o jovem consentisse em partilhar de sua companhia, muitos presentes lhe seriam oferecidos (v. 28-55). Assim, o convite do pastor a Alexis, para que juntos cantassem e tocassem nos bosques, parece um simples recurso do poeta para falar de Pã, o inventor da flauta e da poesia bucólica, evocação de extrema importância na realidade campestre, tendo em vista que a música era, para os camponeses, não só uma forma de estímulo ao trabalho, mas também um modo de deixar fluir os sentimentos pessoais.

Aliás, a técnica de seduzir o amado com o acúmulo de bens, presentes e louvores pode ser observada no já mencionado poeta elegíaco Teógnis de Mégara, como bem demonstram os dísticos abaixo transcritos:

E eu te dei asas, com as quais, sobre o mar sem limites,  
levantarás vôo, erguendo-te facilmente sobre a terra inteira;  
em festas e banquetes,  
em todas, estarás presente, pousando nos lábios de muitos homens,  
e, ao som de flautins sonoros, jovens, sedutores,  
ordenadamente, com uma bela e harmoniosa voz,  
celebrar-te-ão.  
(*Theognídea*, v. 237-243)

Os versos do poeta mantuano (28-55) evocam também os versos 30 e seguintes do *Idílio XI*, nos quais o Ciclope, tentando compensar sua fealdade, ressalta sua riqueza e seus dotes musicais, com a intenção de persuadir Galatéia a compartilhar da doçura de sua companhia. Ei-los:

Eu sei, querida jovem, por que razão tu me foges: é porque uma só sobrancelha grande e peluda se estende em toda minha frente [...] Mas, mesmo sendo assim desse jeito, eu estou a criar mil reses e, depois de ordenhá-las, bebo o melhor leite. Queijo não me falta, nem no verão, nem no outono, nem no auge do inverno; [...] Também eu posso tocar flauta, como nenhum dos Ciclopes [...].  
(*Idílio XI*, v. 30-38)

No tocante ao tema da precariedade de beleza do pastor Coridão, convém assinalar, mais uma vez, a marcante presença do poeta siracusano, tendo em vista que os versos de Virgílio lembram os versos 34 e seguintes do *Idílio VI*, nos quais os pastores Dáfnis e Dametas emulam em desafio, cantando o amor de Polifemo por Galatéia. Após o canto de Dáfnis, Dametas, procurando atenuar a disforme aparência do Ciclope, intervém e assume o discurso de Polifemo, dizendo que, ao se olhar nas águas cristalinas do mar, observou que sua barba e seu único olho produziam um efeito encantador: “Na verdade, eu não tenho, sem dúvida, uma aparência ruim, como me dizem. Pois, anteontem, eu olhava para o mar – e havia tranqüilidade – bela era minha barba, bela também minha única pupila” (*Idílio VI*, v. 34-36).

A partir do verso 56, Virgílio, seguindo ainda a esteira de Teócrito, mostra a conscientização do pastor Coridão no que diz respeito à impossibilidade de realização amorosa com Alexis. Nesta retomada de consciência, Coridão percebe a insensatez de seus sentimentos, acusando-se de *miser*, *demens*. E como se tivesse despertado de um sonho impossível para a realidade, o pastor resolve, da mesma forma que Polifemo (*Idílio XI*, vv.72 - 76), retomar suas atividades pastoris e sair em busca de um novo amor, sentimento fundamental na poesia bucólica. Note-se, pois, o diálogo entre os poemas:

Ó Ciclope, Ciclope, para onde voou teu juízo? Se te fosse possível começar as cestas de queijo e com trabalho mais leve colher gravetos para levar aos carneiros, muito mais senso terias. Ordenha aquela que está mais próxima; por que persegues aquela que te foge? Encontrarás uma outra Galatéia mais bonita, quem sabe.  
(*Idílio XI*, v. 72-76)

Ah! Coridão, Coridão, que loucura se apossou de ti? Meio podada tens no frondoso olmeiro a tua vide. Por que antes não procuras ao menos tecer, com vimes e junco flexível, algum objeto dos que têm utilidade? Um outro Alexis acharás, se este de ti desdenha.  
(*Segunda Bucólica*, v. 69-73)

Cabe salientar as coincidências de expressão – interjeições, repetição do nome dos amantes apaixonados e ritmo fraseológico exprimindo emoção lírica – e de imagens entre os poetas Teócrito e Virgílio, o que vem ratificar a grande influência do siracusano na formação literária do poeta latino. Destarte,

mesmo buscando motivos poéticos em Teócrito, Virgílio soube impregnar sua poesia de artifícios e cores próprios de seu estilo pessoal.

## THEOCRITUS AND VIRGIL: A BUCOLIC DIALOGUE

### ABSTRACT

*This study's objective is to conduct an intertextual examination of excerpts from some Idylls by Theocritus and the Second Bucolic by Virgil. However, before analyzing the lyrical and bucolic elements and the similarities in expression and images between the greatest exponents of the bucolic genre, for a better understanding of the latin bucolic poetry, some peculiarities in the work of Alexandrian poets will be presented, particularly Theocritus, who has exerted profound influence in Virgil's literary education, although the pastoral poetry has earned the quality, the tone and the color of the mantuan personal style.*

**KEY WORDS:** *Bucolic poetry. Intertextuality. Theocritus. Virgil.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICKEL, E. **Historia de la literatura romana.** Madrid: Gredos, 1987.

GRIMAL, P. **Le lyrisme à Rome.** Paris: PUF, 1978.

**IAMBI ET ELEGY ANTE ALEXANDRUM CANTATI.** v. I. Ed. by M. L. West. 2<sup>nd</sup> edition. London: Oxford University Press, 1989.

MARTIN, R.; GAILLARD, J. **Les genres littéraires à Rome.** Paris: Scodel, [s.d.].

MENDES, J. P. **Construção e arte das Bucólicas de Virgílio.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; INL, 1985.

PEREIRA, M. H. da R. (Org.). **Poesia grega arcaica.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 1980.